

A ESPECIFICIDADE DO IMAGINÁRIO COLONIAL NOS ROMANCES DE AVENTURAS DE LADISLAU BATALHA

Jacinto Rodrigues¹

Ladislau Batalha, (Lisboa 1856 – Arruda dos Vinhos 1939) escreveu mais de uma vintena de livros sobre múltiplos assuntos (política, história, filosofia, filologia, etc.) e publicou variadíssimos artigos, especialmente na imprensa operária.

A sua actividade literária e romanesca reduz-se, contudo, a três romances publicados e duas peças de teatro.

Os romances que vamos analisar, *Mistérios da Loucura* (Dramas de Família) e *Misérias de Lisboa* (Romance de actualidade) são extensos. Depois de terem sido divulgados como folhetins, foram publicados, quase na mesma altura, entre 1891 e 1893, pela Ed. João Romano Torres. O primeiro romance tem 4 Tomos, em 2 livros volumosos e o segundo romance tem 9 Tomos, em 4 livros igualmente volumosos!

As histórias da literatura portuguesa não referem esses romances-folhetins, considerados romances menores, literatura popular e de “cordel”.

O estilo deixa realmente muito a desejar e a temática é de um moralismo antiquado.

São poucas as bibliotecas que possuem as folhas amareladas destes romances-folhetins. Fazem parte de raríssimas curiosidades de coleccionadores e alfarrabistas.

¹ Professor Catedrático da U.P. e membro do CEAUP.

Contudo, estes romances de aventura são a continuidade da literatura de cordel do séc. XVII e XVIII que foi muito divulgada e começa agora a ser estudada por se mostrar uma fonte preciosa na investigação da mentalidade da época.²

Os romances populares de aventura, que surgiram em força na 2ª metade do séc. XIX, tiveram uma grande expansão e constituíram uma importante fonte de mudança de costumes e atitudes.

Por isso, essa literatura popular tem sido objecto de estudos universitários que permitem estabelecer relações entre literatura e colonialismo.

A “Société Internationale d’Études des Litteratures a l’Ère Coloniale” (SIELEC) tem publicado trabalhos que permitem revelar a multiplicidade de discursos ideológicos, políticos e culturais, subjacentes à literatura, nomeadamente com temática africana.³

Esses estudos desenvolvem-se a partir de **livros de viagens, romances de aventura, literatura colonial** ou ainda sobre **literatura africana**.

São já muitos os estudos feitos sobre os livros de exploradores em África, no séc. XIX. É possível ler nestes textos, a natureza das intenções políticas, o “tipo de olhar” com que viam a nova realidade dos homens e das paragens do continente negro.

O estrangeirismo gerou testemunhos diferentes, por exemplo em Pedrozo Gamito, René Caillié, Livingstone, Stanley ou em Serpa Pinto.

Do mesmo modo podemos explicitar o imaginário literário ocidental nos romances populares, dos países coloniais. Pode-se também entender melhor a evolução dos processos de dominação e exploração do colonialismo, bem assim como as práticas e os processos complexos da contestação ou integração das diversas culturas e ainda revelar a metamorfose das relações interculturais e transculturais.

Conhecem-se hoje estudos fundamentais que estabelecem tipologias nas literaturas coloniais indiciadoras de racismo e de imperialismo, como acontece, por exemplo, nos romances de Jules Verne⁴ e de Rider Haggard⁵.

² José Ramos Tinhorão, “Os negros em Portugal”. Ed. Caminho, Lisboa, 2002.

³ Ver « Les Cahiers du SIELEC », Ed. Cailash, 2003.

⁴ Jean Chesneau, “Jules Verne-une lecture politique”, Ed. F. Maspero, Paris, 1982.

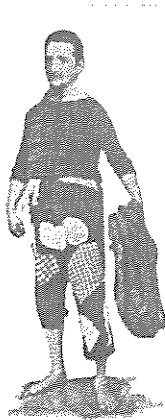
⁵ Wendi Katz, “Rider Haggard and the fiction of empire”, Cambridge Univ.Press, 1987.

Nesses estudos desocultam-se formas de colonização, consciente ou inconsciente, do imaginário ocidental.

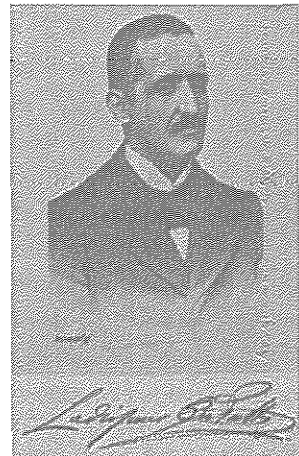
Na esteira destas investigações, quisemos mostrar a especificidade do olhar de Ladislau Batalha, nos referidos romances de aventuras que escreveu. Ele tinha o intuito de “esclarecer” as camadas populares, tendo subjacente à temática social abordada, situações de grande importância na sociedade portuguesa: o tema africano, o colonialismo e o racismo.

Assim, nesses romances-folhetins, Ladislau Batalha reflecte algumas das características da mentalidade dominante e, simultaneamente, as novas atitudes críticas.

Intervém, sistemicamente, em eventuais mudanças de paradigma, deixando-se, aqui e ali, impregnar pelo seu próprio enraizamento histórico-social, num processo de interacção desses mesmos diferentes paradigmas.



© autor, moço de lésdo!



Biografia

Em traços muito largos, vamos aqui apontar alguns dados sobre o percurso de vida de Ladislau Batalha, até ao momento da escrita dos referidos romances.

Ainda adolescente, torna-se militante republicano federalista, ligando-se a Teófilo Braga, Carrilho Videira, Correia Barreto, Magalhães Lima etc.

Com Teixeira Bastos, Agostinho Fortes e António Ferrão torna-se discípulo do positivismo de Compté, tal como era defendido por Teófilo Braga.⁶ Era porém um positivismo mitigado e a maior parte das vezes de cariz socializante.

Já em 1876, Ladislau Batalha, membro da **Mocidade Republicana e Federalista**, vai-se opor ao directório do **Centro Republicano Democrático**, apoiando Carrilho Videira que fora acusado de espião do governo.

Ladislau, escreverá um texto sobre este assunto,⁷ pois, como ele próprio refere, foi também acusado de “espião e desordeiro, instrumento do cidadão Carrilho”⁸.

Deslocando-se para sectores mais libertários e em coligação com o movimento operário, Ladislau não deixará de frequentar a Biblioteca Nacional onde “devora” os romances de aventuras de Mayne Reid, Jules Verne e literatura de viagens como o livro de Pedrozo Gamito e Livingstone. Também o evolucionismo darwinista será uma das suas leituras.

Em 1876, com 20 anos de idade, publica uma carta atacando António Rodrigues Sampaio⁹ e faz apelo à melhoria da instrução. Nesta nova publicação, cita autores como Haeckel, Hegel, Lubock, Darwin, explicitando as insuficiências da Biblioteca Nacional por não terem livros desses vultos da ciência. Entretanto a Sociedade de Geografia de Lisboa acabara de ser criada em Dezembro de 1875. E aí se fazia um apelo ao estudo e exploração científica das colónias.

Ladislau Batalha, magoado pela sua experiência política inicial com o directório republicano, parte para S. Tomé e Príncipe em 1876. Vive o momento de viragem no processo da luta jurídica contra a escravatura em Portugal e nas colónias.

⁶ “Teófilo Braga perante as gerações escolares de 1872 a 1922”, Teixeira Bastos e outros, Ed. Instituto Teofilano de Lisboa, 1923.

⁷ Ladislau Batalha, “A Nova Inquisição ou o directório republicano”, Ed. Nova Livraria Internacional, Lisboa, 1876.

⁸ Idem, pág. 4.

⁹ Ladislau Batalha, “A instrução oficial: carta a António Rodrigues Sampaio”, Lisboa.

Trata-se da imposição britânica para pôr fim aos escravos em S. Tomé. Como ele próprio relata,¹⁰ vai-se tornar funcionário público na Curadoria Geral, fazendo respeitar a “Nova Regulamentação e Fiscalização do Trabalho dos Indígenas e Redacção dos Respectivos Contratos”.¹¹

Escreve de S. Tomé a Teófilo Braga, a 24 de Agosto de 1877, dizendo-lhe que está a preparar um livrinho sobre os costumes da Ilha¹². Precisa de notas históricas sobre o assunto. Refere a tradição religiosa sobre o “gué-gué”, árvore secular. E nota ainda o interesse histórico pela questão dos judeus, enviados para a Ilha de S. Tomé por D. João II e D. Manuel I.

Condoído com a miséria e a exploração dos serviços, ou seja com a manutenção real da escravatura, mau grado as mudanças jurídicas, diante das anomalias existentes e face às dificuldades de fazer cumprir a lei aos roceiros, abandona a Ilha de S. Tomé. Segue para Luanda, mais ou menos escorraçado e perseguido, num pequeno barco.

Porém, tal como o cônsul inglês em Luanda, David Hopkin, relatara em Junho de 1877 ao governador geral de Angola, a situação nesta colónia era péssima: a emigração de Angola para S. Tomé era “embarcada como rebanho” e na “pior das escravaturas”.¹³

Já nesta cidade, em contacto com o Dr. Alfredo Trony, Ladislau Batalha participa na redacção do “Jornal de Loanda” onde tentará denunciar as novas situações que encontra em Angola.

Também aí viverá um relacionamento difícil com o governador. Experimenta, em seguida, partir para o interior de Angola, como comerciante e investigador. Descreve várias provações nas “Memórias e Aventuras” acerca da sua vida no mato.

No referido livro são várias as viagens, os encontros e peripécias vividas. Mas, ao longo dessa narração não conseguimos destrinçar a verdade, da imaginação: são reminiscências autobiográficas já muito tardias, pois foram escritas no final da sua vida. Algumas descrições não coincidem com relatos que fez, dessas mesmas viagens, na imprensa operária.

¹⁰ Ladislau Batalha, “Memórias e Aventuras”, Ed. José Rodrigues & C^a, Lisboa, 1928.

¹¹ Idem, pág. 35.

¹² Carta de Ladislau Batalha, Biblioteca Municipal Ponta Delgada, Espólio Teófilo Braga.

¹³ Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, 2^a secção- Angola-, Caixa 1-Curadoria.

Descreve, no referido livro de memórias, um atribulado casamento com a filha de um Soba e as aventuras na selva, com perigos terríveis, em que ficará para sempre grato a Tunda e Samba, os serviçais amigos, por lhe terem salvo a vida.¹⁴

Aprende kimbundo e estuda os costumes de Angola e a sua história. Sobre estes assuntos publicará livros na Biblioteca de Educação Popular¹⁵.

Acabará por abalar de Angola em condições confusas, atravessando o rio Cassai e dirigindo-se ao então recente “Estado Livre do Congo”.

“Percorrida a região de Leopoldoville, já a jusante de Stanley-pool”¹⁶ desce cataratas e cachoeiras. Dirige-se à povoação de Boma e é salvo do cansaço e da miséria, por uma feitoria holandesa.

Partirá então num baleeiro, em 1881, em direcção à América do Norte. E, nesta prodigiosa aventura que daria um filme, Ladislau Batalha, depois de percorrer os Estados Unidos da América, viaja ainda à Gronelândia e em seguida parte para o Japão.

Cerca de 1884, voltará a África e viverá em Cabo Verde trabalhando no Consulado Francês.

Vive com uma mulher cabo-verdiana, de quem terá uma filha.

De regresso a Portugal, por volta de 1890, sofrerá o desgosto de as ver morrer tuberculosas.¹⁷

Na altura em que escreve os romances, lecciona línguas em escolas livres de Lisboa e apoia o movimento operário, travando uma profunda amizade com Azedo Gneco, tipógrafo e célebre dirigente socialista.

¹⁴ Ladislau Batalha, “Memórias e Aventuras”, Ed. José Rodrigues & C^a, Lisboa, 1928, pág. 151.

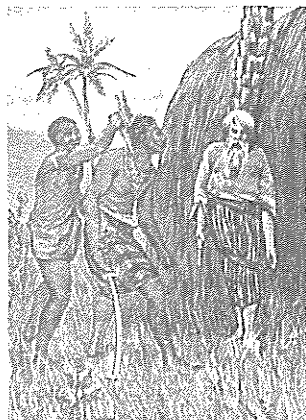
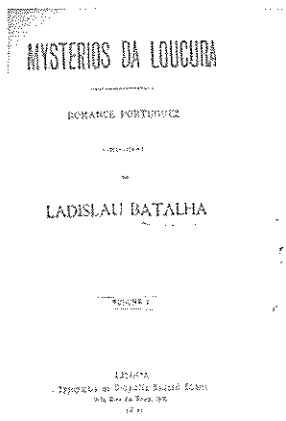
¹⁵ Ver pequenos livros publicado na Biblioteca do Povo e das Escolas, n^os 164, 175, 177, 193 e 198, Lisboa.

¹⁶ Ladislau Batalha, “Memórias e Aventuras”, Ed. José Rodrigues & C^a, Lisboa, 1928, pág. 153.

¹⁷ Informações recolhidas junto da neta de Ladislau Batalha, D. Lídia Batalha.

Os Romances

Nos romances que vamos agora analisar, pretendemos descriptar o sentido intrínseco do texto e do contexto e a morfogénese complexa do seu autor, através da sua experiência de vida, alicerçada em referentes políticos e literários da sua época.



Mistérios da Loucura

Nos *Mistérios de Loucura*,¹⁸ romance de Ladislau Batalha, publicado em 1891, a acção decorre entre a década de 50 e 60 do séc. XIX.

Julião Sampaio, durante o Cabralismo é acusado de falsear documentos. Injustiçado, é preso e julgado repentinamente.

E por tenebrosas e pérfidas forças políticas ligadas a sectores miguelistas, acaba como degredado em Angola.

Chegará a Luanda em 1851.

Deixa em Portugal a mulher e uma filha de 10 anos.

Com o abandono do pai, a família vive em total pobreza. O medo cria um vazio junto da família destroçada. Vizinhos e amigos receiam retaliações.

¹⁸ *Mistérios da Loucura* (Dramas de Família), 4 Tomos, 1891, Lisboa, Ed. João Romano Torres.

Apenas um amigo fiel, o Savedra, consegue encontrar um orfanato de freiras para a miúda. Aí permanecerá até vir a casar com o negociante Santos Valbom, que se deixa encantar pela jovem Maria, recatada e muito prendada aluna do tal colégio de freiras.

A mãe morre, doente e entristecida pela desgraça e a uma irmã de Julião Sampaio, que com elas vivia, dá-lhe a “loucura religiosa”. O fanatismo atira-a primeiro para a igreja e em seguida para a bruxaria.

Ladislau Batalha mostra aqui duas medidas no que diz respeito à Igreja. Por um lado refere o colégio de freiras como um lugar aprazível e tolerante, no caso de Maria e por outro lado descreve uma paróquia, com um padre fanático, que leva a tia de Maria à mais sombria superstição.

O casamento, em 1860, entre a jovem Maria e o Santos Valbom, desperta a inveja do Conde Porto Rico seu companheiro das estroinices de juventude que, por velhacaria, quer destruir esse casamento.

Santos Valbom viaja a Angola, por interesses comerciais. Mas também o move o intuito filantrópico de ajudar a resgatar o sogro.

Enquanto o Conde Porto Rico, rico e sem escrúpulos, vai tentar a “desgraça” do matrimónio, o romance deixa suspenso este episódio para nos transportar para Luanda, onde o comerciante Santos Valbom acaba de chegar.

Nesse ano de 1861, a cidade tem poucos brancos. E uma parte dessa população é constituída pelos degredados.

Aqui, Ladislau Batalha vai tecer várias considerações sociológicas, sem contudo revelar se tais considerações reflectem apenas o discurso que Santos Valbom faz quando contempla o “assombro da miséria” para os lados da Ingombota:

“O progresso tem que descrever uma curva gigante que envolva e abraça a humanidade inteira, como é desejo e inspiração dos grandes filantropos.

Longos séculos têm ainda que decorrer, primeiro que as generosas visões, do mais puro socialismo, se tornem numa realidade.

A revolução, a gigante e imensa revolução que se prepara na Europa e na América, forjada com as lágrimas de uns, a fome e a miséria de outros, não atingirá imediatamente muitos lugares recônditos da Ásia e da África, onde certamente os déspotas, varridos e açoutados, irão perpetuar o seu odioso regime de despotismo”.¹⁹

E Ladislau Batalha, depois desta tirada em que se revela uma visão gradualista e positivista da história, prossegue:

“Valbom não tinha preocupação política. Havia nele, porém, a preocupação do bem que o fazia aceitar todas as grandes concepções, donde quer que imanassem. Não o vislumbrava o seu bem-estar, porque sabia que pertencia ao pequeno mundo de remediados da terra, enquanto que milhões de homens, sobre a face do globo, definhavam, estorcendo-se nas agonias de uma lenta miséria (...). O aspecto da Ingombota condoeu-o (...). Um imenso monte de cubatas acumuladas, sem asseio, sem luz, sem conforto, foi o que se lhe deparou (...). Não havia ali canalização nem arejamento adequado (...). Pelo meio brincavam nus os pretinhos, enquanto os pais estendidos nas esteiras, também meios descompostos, fumavam a sua liamba. (...)”

Como viverá esta pobre gente? Perguntava ele a si mesmo. Serão felizes na sua miséria?

– Não! Respondia-lhe a sua correcta consciência. Não, que os desgraçados dos grandes centros sentem a miséria que os tortura mas lutam e aspiram pela regeneração. Têm uma profunda esperança no futuro que, por meio da revolução, lhes dará os elementos para se emanciparem.”²⁰

Escravos e populações sobrevivem na miséria da Sanzala que constitui a periferia do pequeno núcleo urbano de Luanda.

É nas Ingombotas que Santos Valbom, movido por razões de piedade, salva um jovem negro da ameaça de espancamento até à morte, que outros negros pretendem infligir ao jovem Tumba Cueb.

Depois dos negócios, Santos Valbom regressa a Portugal trazendo o jovem Tumba Cueb como prenda exótica para a sua esposa, em troca da sua frustração por não ter encontrado pistas sobre o sogro.

Entretanto, em Lisboa, o Conde Porto Rico com o apoio duma das suas amantes, a Ambrósia dos Tagatés, tentará, graças aos “filtros”, “poções” e narcóticos utilizados por uma feiticeira tresloucada (velha tia de Maria) penetrar na casa de Santos Valbom.

¹⁹ *Idem*, Tomo I, pág.227-229.

²⁰ *Idem*, Tomo I, pág.227-229.

Quando este chega de África, é acicatado pelo antigo colega das borgas e orgias juvenis, sobre uma pretensa infidelidade da esposa.

As provações dos ciúmes vão-se insinuando à medida que o ex-amigo lhe mostra um talismã que Santos Valbom oferecera à esposa por alturas do casamento.

Entretanto Maria desespera face ao desaparecimento das prendas maritais. Contudo, vai encontrando lenitivos para as suas angústias nas conversas com Tumba Cueb.

É então que descobre uma rocambolesca história: Tumba Cueb tinha tido como patrão e educador, em Angola, seu pai, quando se encontrava preso em terras do Quissange, do “malvado” Soba Quinebuto.

Nos 4 volumosos Tomos deste romance folhetinesco, desenvolve-se o melodrama dum previsível adultério e uma nova aventura africana que leva de novo Tumba Cueb e Santos Valbom a Angola. São ainda motivos comerciais e sobretudo a esperança na conquista de gratidão e amor de Maria, que justificam a viagem.

Valbom pretende libertar o velho Julião do sanguinário Soba que detém o degredado à espera dum resgate prometido por Savedra, o velho e fiel amigo que se tornou capitão dum baleeiro, na esperança de obter dinheiro para o libertar.

Maria oscila entre o desejo de reencontrar o pai através da viagem do marido e o temor de ficar só, diante das insinuações do Conde.

Entretanto, em África, durante a excursão pelo mato na procura de Julião, Tumba Cueb revela-se um herói que salva Santos Valbom de morte certa, naquela selva perigosa.

O herói negro, Tumba Cueb, salva também da morte o velho Julião, seu primeiro patrão e amigo, no momento em que ia ser liquidado pelo Soba Quinebuto. Tumba Cueb apunhala o “malvado” Soba que também fora responsável pela morte da sua amada mulher.

Escusado será dizer que esta situação aventurosa é descrita com pormenores geográficos, tal como sucede nos romances de Jules Verne. Porém, no texto de Ladislau Batalha é a experiência pessoal dos lugares que é referida. Descreve locais onde passou e viveu: o Dondo, a barra do Kuanza, Massangano e o sertão do Quissama. Foram locais em que esteve, durante a sua estadia em Angola, como refere nas Memórias. Nesse sentido ressalta um realismo descritivo com exactidão e objectividade da paisagem africana.

Note-se ainda que o romance tem bastantes expressões e termos em Kimbundo, mostrando assim os conhecimentos linguísticos e etnológicos do autor.

Mas voltemos ao romance:

Valbom e Tumba Cueb voltam para Lisboa.

Novas situações políticas propiciam a desmontagem do processo “ignominioso e injusto” de que Julião fora vítima.

É durante esta nova estadia em Lisboa que Tumba Cueb volta a ser personagem determinante no romance folhetinesco de Ladislau Batalha.

Roído de ciúmes face a aparentes comprovações da infidelidade de sua mulher, Santos Valbom, num desvario digno dum drama de “faca e alguidar” da época, tenta apunhalá-la. Porém, Tumba, o fiel serviçal, intervém rapidamente e tira o punhal do patrão num arremedo que deixa em suspenso o leitor perante tal perplexidade. Estabelece-se então um hiato no romance. E o leitor fica sem saber o que realmente aconteceu!

Apenas nos damos conta de que, decorrido algum tempo, Tumba Cueb leva o patrão para bordo dum navio que está prestes a partir para Angola. Com esta sua atitude pretende salvá-lo do crime que teria sido perpetrado.

De facto, as forças policiais acorrem a casa de Santos Valbom. Descobrem uns lençóis e alguma roupa banhada pelo líquido vermelho vivo que está espalhado pelo quarto onde se teria desenrolado o dito crime passionnal. Mas o corpo da vítima não aparece!

Entretanto, o patrão Santos Valbom vive o drama da sua consciência. Roído por sentimentos contraditórios, odeia agora Tumba Cueb por considerá-lo, afinal, o criminoso da morte da mulher, embora este apenas pudesse ter sido a mão executora da sua própria vontade se o crime tivesse sido realmente cometido. Tumba Cueb sofre em silêncio esta ingratidão.

Este dramalhão folhetinesco que alterna o mais arrebatado dos romantismos e que, ao mesmo tempo, descreve cenas com um naturalismo exacerbado, vai permitir o “suspense” rocambolesco e todas as reviravoltas do enredo.

Assim, quando chegam a Angola, Julião, o pai da “vítima” fica destroçado pelo alegado homicídio do genro. Mas, simultaneamente,

nesta confusão de sentimentos, não pode esquecer a gratidão ao seu genro salvador. Ao mesmo tempo, o pai de Maria tortura-se pelo dito adultério da filha que levava ao desvario de Santos Valbom!... Sentimentos confusos e contraditórios irrompem permanentemente nesta intriga passional.

Porém, este melodramático folhetim, nem sempre de cuidada escrita, acaba duma forma espectacular:

Santos Valbom recebe uma carta do Conde Porto Rico. Essa carta exprime a ambiguidade malévola duma acusação e, simultaneamente, um remorso pessoal, dado que, para o Conde, Maria está morta. O Conde explica, só agora, que nada se passou entre ele e Maria pois, com o roubo do talismã, apenas queria infligir ciúme e destruição no casamento do ex-amigo, sem que pudesse prever o desfecho do homicídio. Adultério não houvera porque a recatada Maria dormia no seu quarto acompanhada pela amiga Laura e pela velha criada que fielmente aí recolhia, todas as noites, ao pé da cama, durante a ausência do marido. Afinal, o Conde de Porto Rico apenas pudera roubar um talismã.

Neste lance melodramático, despedaçado pelo infortúnio dum crime hediondo e sem motivo, Santos Valbom, pretendendo expiar a monstruosa culpa, puxa duma pistola para assassinar o negro Tumba Cueb e em seguida suicidar-se.

É então que, pasme-se, neste clímax do drama-folhetim, entra pela porta adentro Maria que, afinal está viva e impede mais um desvario do marido.

O romancista revela então, numa retrospectiva tortuosa e lancinante, que Maria se recolhera numa embarcação, após o fictício “crime” encenado por Tumba Cueb.

Com efeito, explica o romancista Ladislau Batalha, num lance inteligentíssimo e duma fina sensibilidade estratégica, Tumba fizera uma mistura de água e tinta vermelha proveniente da casca de um pau de Tacula, árvore proveniente de Angola. E com este falso “sangue” vegetal, maculara a roupa da senhora e o soalho da casa, enganando a polícia e o próprio patrão. Arrastando Maria para fora do quarto, afastara a gentil senhora da raiva criminoso do marido ciumento. Ao mesmo tempo, motivado pela compaixão pelo amo, apoiara moralmente o

generoso patrão despedaçado pelas horríveis obsessões do homicídio passional, fingindo assim ter vingado o alegado adultério de Maria.

A história de Maria e a sua viagem insere-se também noutra não menos rocambolesco transe do folhetim.

É que Maria foge para uma embarcação. Vestida de homem e com o nome de Mário, torna-se marinheiro dum barco que, por curiosa coincidência, vai para Angola. Veja-se ainda, para cúmulo dessas espaventosas coincidências, o capitão é o velho e fiel amigo de seu pai – Savedra – aquele que a ajudou a recolher-se no colégio de freiras e que conseguiu os meios económicos para resgatar o seu velho amigo Julião.

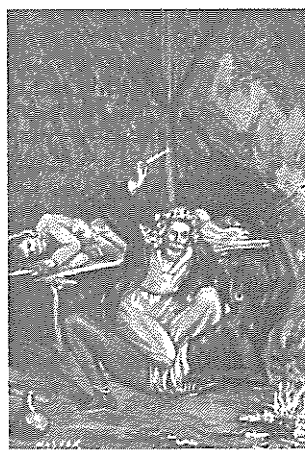
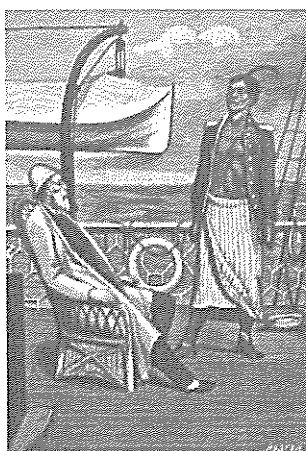
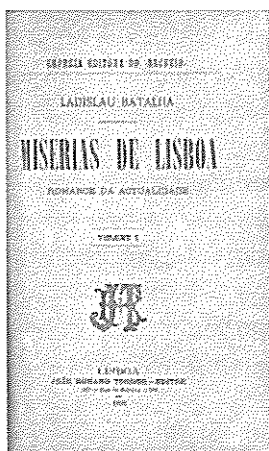
O dramalhão tem assim um desfecho feliz.

E termina com Maria de braço dado com o marido, passeando-se nas ruas de Luanda, acompanhada por Tumba Cueb, ouvindo-se as pessoas a perguntar:

- **“Quem é o preto tão bem vestido que vai com eles?”**

- **Dantes chamavam-lhe o negro Tumba Cueb que carregava sacos. Hoje é querido e estimado como filho. Parece patrão dos patrões”** ²¹

Misérias de Lisboa



²¹ Idem, Tomo IV, pág. 284.

O outro romance de Ladislau Batalha, *Misérias de Lisboa*²², editado entre 1892 e 1893, é longuíssimo. De folhetinesca feitura, é também construído pelas constantes reviravoltas encenando lugares exóticos e fazendo surgir criaturas bizarras. Foi escrito à medida que os folhetins iam sendo publicados e faz apelo a um constante e habitual “suspense”.

Caracteriza-se por um sucessivo processo de melodramas decalcados nos preconceitos da época, onde não faltam terrores, tentativas de violação e crimes incestuosos e selvas povoadas de gorilas medonhos, feitiços e outros mistérios de África.

A intriga desenrola-se com personagens decorrentes daquele tempo: mães solteiras; crianças postas na “roda”; mulheres “desonradas” por falsos namorados; escória social dos bairros de miséria onde pululam maltrapilhos e ladrões que servem de paus mandados de ricos sem escrúpulos que vivem do jogo e prostituição;

Aqui se contam as torpezas e falsidades de Benevides, ex-oficial da polícia, dono de prostíbulos e casas onde se joga “à batota”.

Narram-se ainda aventuras dos vadios “Ensarilhado” e “Tiroliro”, que pertencem à escumalha que sobrevive da gatunice e do crime organizado.

Ladislau revela-nos a imoralidade desses grupos que se exprimem numa gíria especial e que ele próprio transcreve e traduz no romance.

A Lisboa de “bas-fond” lembra Londres descrita por Dickens ou Paris de Eugène Sue, com os quadros mais ou menos típicos dos alvares da sociedade industrial e da miséria social daquele tempo.

Ladislau Batalha articula as várias personagens em enredos quiméricos e romanescos que apenas têm como base os efeitos que julga obter no melodrama, entre preocupações sociais e a exploração de sentimentos passionais.

O drama de Teresa Nobre, mãe solteira abandonada por Serrano, vai desenrolar-se em tragédias sucessivas. Ela enjeita a filha. Serrano vai para África em busca do saque e da exploração fácil. Genoveva, a filha enjeitada ao longo da infância e adolescência, sofre as agruras de uma vida miserável.

²² “*Misérias de Lisboa (romance de Actualidade)*”, 9 Tomos, 1892-1893, Lisboa, Ed. João Romano Torres.

No outro lado da cidade vive, na maior opulência, Benevides, o corrupto e proxeneta.

E no centro da cidade, na rua oriental do passeio público, mora a família Ibrahim Azancot que se afunda economicamente com a falência da pequena empresa. Mantém porém o orgulho elitista de pequeno comerciante judeu que não quer aceitar o casamento de sua filha Estér com o virtuoso marçano, Leocáudio Bacelar.

Com efeito, contrariando os enlevos passionais da filha e do jovem empregado, Azancot parte para África com a mulher e a filha, em busca de fortuna, levando como criada a jovem Genoveva. Procura assim fugir da catástrofe económica da empresa e preservar o orgulho da sua linhagem de judeus nobilitados, os Azancotes, por terem ensinado náutica à corte portuguesa do séc. XVI.

Note-se que esta referência à mania de superioridade de Ibrahim Azancot não expressa nenhuma posição de anti-semitismo. O próprio Ladislau Batalha, numa publicação anterior ao romance, editada pela Biblioteca Popular – Costumes Angolenses – identifica-se, através das cartas que vai escrevendo, com um judeu de nome Ben Zacheu. Trata-se pois duma crítica social ao orgulho ou pretensiosismo social de quem se julga superior por pertencer a uma linhagem de família “nobilitada pelo rei”.

Essa viagem passa-se no ano de 1876, a bordo do vapor “La Plata”. Ibrahim Azancot vai aí conhecer o negro Sugar Loaf. Deste encontro vai-se desenrolar todo o imaginário colonial do escritor, que ocupará especialmente o Tomo V e VI do longo romance folhetinesco.

Na caracterização do personagem, exprime-se já toda uma concepção sobre a alteridade, onde se misturam referências culturais, ambições e resquícios de um paternalismo colonialista, mas de forma envergonhada:

“Um preto de kru, (...) dava pelo nome de Sugar Loaf, designação toda inglesa que literalmente vertida significa pão de açúcar.”²³

Mostra-se aqui a maneira como se veio a formular o carácter identitário deste personagem. É uma cultura estrangeira que lhe dá o nome

²³ *Idem*, Tomo V, pág. 186.

de Pão de Açúcar – Sugar Loaf- construindo-lhe uma identidade corriqueira e submetida. Exactamente como o nome de “Sexta-Feira”, no romance de Robinson Crusoe, de Defoe, em que se explicita a banalidade do encontro entre o senhor e o escravo: “Sexta-Feira”- nome do homem negro que resulta apenas duma coincidência dum encontro ocorrido naquele dia, no calendário do colono.

A seguir, veja-se como Ladislau Batalha o caracteriza:

“Um rapaz alto, grosso e possante, mas de maneiras realmente adocicadas, contrário ao da sua raça que não primam em finura nem delicadeza”.²⁴

Uma vez mais não se consegue saber se, com esta expressão humilhante, Ladislau Batalha retrata o olhar do colono Ibrahim Azancot ou se o comentário revela o olhar do próprio escritor. Essas são as frequentes ambiguidades que revelam um paradigma emergente, frágil e pioneiro do escritor, ainda com um contexto numa realidade histórico-social da escravatura, como a do tempo em que decorre a acção romanesca.

O romance não deixa contudo de realçar qualidades superiores no negro Sugar Loaf pois este **“além da sua própria língua falava inglês e também português”.**²⁵

Sugar Loaf vai revelar-se a Ibrahim como um “cidadão da Libéria”, de vastos conhecimentos geográficos e larga experiência humana. “Krumano”, natural de Bamnepo, como escreve Ladislau Batalha, Sugar Loaf também tem contradições com o explorador da sua etnia, o terrível “Quá-Quá” que o obrigara a pagar “cinco cabeças de gado e um cento de manilhas de ouro”.

Aqui se mostram as ilusões de muitos dos reformistas da época, que valorizavam a importância da Libéria, como exemplo para África.

De facto, alguns filantropistas pensavam que a criação de um Estado Africano em 1847, sob a égide de uma constituição inspirada pelos Estados Unidos da América, iria por si só instaurar, à maneira ocidental, um “estado livre e justo”.

Não era ainda imediatamente visível a natureza deste projecto, minado na sua génese. A Libéria era apenas um ensaio de nova

²⁴ *Idem*, Tomo V, pág. 187.

²⁵ *Idem*, Tomo V, pág. 187.

colonização africana, após a escravatura. É que “o tráfico começou a decair quando começou a ser mais lucrativo manter os negros em África..”²⁶

A Libéria foi porém, uma criação artificial, gerada pela American Colonisation Society, com uma base simultaneamente filantrópica e interesseira. Não conseguiu esconder objectivos, implícitos à sociedade colonial, de prosseguir a exploração localizada em África, aproveitando ao mesmo tempo afastar alguma população negra, recém liberta da escravatura, e que estava desempregada na América do Norte e na Inglaterra.

Mas, voltemos ao romance:

Há, neste romance de Ladislau Batalha, um sentimento de respeito e admiração, professado por Ibrahim nos valores enunciados por Sugar Loaf:

- “Pois aqui, master, não é como lá nas suas terras onde tudo custa dinheiro e até se paga para ter água e luz (...). Não nos falta palmeiral, a terra dá-nos roupa, madeira para construção, palha para os nossos telhados, cipó e corda para amarra, peixe nos rios, caça nos bosques, vinho, leite (...) tudo, master, tudo aqui a terra nos dá.

E nós, que não professamos a lei de Cristo nem de Mafona, que não adoramos bonecos em igrejas, que não rezamos, que não lemos por códigos, servimo-nos de tudo que a natureza nos oferece e permitimos generosamente ao nosso semelhante que se utilize do que não nos faz falta. Aqui não se conhece o egoísmo, nem há assassinos nem suicidas. Quando pomos a caldeira ao lume, já sabemos que o primeiro que se aproximar, comerá dela.”²⁷

Ladislau quer mostrar assim as virtudes do “bom selvagem”, resquí-cios do paradigma iluminista à Jean Jacques Rousseau, que ele ainda conserva.

Porém, noutros momentos, afloram também outras ideias. Assim, noutras páginas, citam-se frases de Darwin, exemplificam-se dados sobre a antropogenia de Haeckel e desfiam-se ainda nomes dos célebres

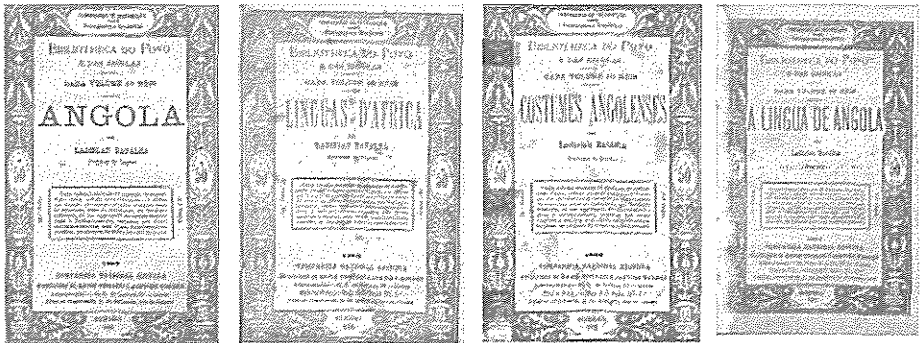
²⁶ Marc Ferro, *“História das Colonizações”*, Ed. Estampa, Lisboa.

²⁷ *“Misérias de Lisboa (romance de Actualidade)”*, 1892-1893, Lisboa, Ed. João Romano Torres, Tomo V, pág.237.

naturalistas Paul Broca, Andebert, Bischoff, Buchner, Carl Vogt, Geofroy St. Hilaire, etc.

Ladislau Batalha não tem limites para a sua erudição, alardeada neste romance de aventuras, que se pretende também uma obra didáctica.

Noutras partes deste livro há referências exóticas a batuques e feitiçarias. Algumas dessas descrições são fantasiadas. Mas, grande parte delas mostram as observações que Ladislau fez, quando percorreu Angola e as descreveu nos apontamentos que editou em 1890, na Biblioteca do Povo.²⁸ Assim, verifica-se uma transição clara entre um paradigma iluminista em que o “bom selvagem idílico”, dá lugar a um quadro mais realista do “herói negro” baseado na vivência e conhecimentos de África expostos nos ensaios que Ladislau Batalha escreveu.



No meio das peripécias rocambolescas dos romances de Ladislau Batalha, com cenas dignas de um Ponson du Terrail e Jules Verne, o autor debita ensinamentos botânicos e geográficos com um conhecimento experimentado, como viajante que foi.

E quando descreve a nova implantação da família Ibrahim, é como se este fosse um “novo Crusoé” civilizador! Porém, este “Robinson” português, Ibrahim Azancot, aprende aqui a aceitar as lições provenientes da superioridade moral de Sugar Loaf. Não ensina apenas. Aprende também.

²⁸ Ladislau Batalha, “Costumes Angolenses”-Biblioteca do Povo e das Escolas, Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1890.

Por vezes, Ladislau Batalha expressa simultaneamente uma concepção de progresso linear em que o modelo ocidental é a referência normativa de excelência, ou seja, o ponto mais alto das civilizações mas também revela uma crítica a esse modelo de civilização dominante, face a outros valores mais fraternos como o desapego ao egoísmo material manifestado pela cultura dos africanos.

Contudo as ambiguidades prosseguem e, mesmo quando perpassa um aparente anti-semitismo sobre o gosto pelo ouro de Ibrahim, o processo romanesco acabará por revelar a positividade do “judeu”.

O romance vai revelar Sugar Loaf como um personagem-herói. Ele vai morrer esfaqueado pelo branco Yevoghan (nem mais nem menos do que Serrano - o português ladrão e criminoso) que tenta violar Genoveva.

Esta morte heróica, que impede o crime, mostra a superioridade moral de Sugar Loaf.

As peripécias da intriga melodramática e trágica terminam com o retorno da família Ibrahim Azancot que aprendeu com o humanismo de Sugar Loaf. E, o casamento de Estér com Leocáudio Bacelar, que entretanto enriquece na América Latina, mostram como Ibrahim Azancot abandona o seu orgulho inicial elitista para aceitar alegremente o casamento da sua filha com o antigo marçano pobre da sua empresa. O reencontro de Genoveva com sua mãe acentua o desfecho feliz deste folhetim.

Conclusão

As intrigas destes folhetins, escritos por Ladislau Batalha, que foram paradigma de historietas de fantásticas aventuras e apaixonados enredos, são hoje histórias sem interesse. São outros os tempos e os sentimentos das pessoas.

Mas, na época em que foram escritos, constituíram o enleio de milhares de leitores. As gravuras do artista espanhol exilado em Portugal, Pastor, ajudavam o público a imaginar os personagens e os lugares exóticos, tal como os écrans dos nossos televisores de hoje.

Esses folhetins vendiam-se em todos os quiosques e muitos arduamente percorriam a cidade apregoando-os.

As traduções dos romances “Juif Errant”, “Mystères de Paris”, “Les Cinq Semaines en Ballon” e as “Aventures de Rocambole”, assim como

os folhetins de Ladislau Batalha aqui analisados, eram como as telenovelas dos nossos dias, o alimento do imaginário de quem as lia.

Ladislau Batalha refere, expressamente, nos romances que escreveu, a opção de se orientar numa perspectiva de literatura popular cujas referências cimeiras eram Eugène Sue, Ponson du Terrail, Gonzalez e Jules Verne, como dissemos. Considerava Víctor Hugo e mesmo Balzac como demasiado eruditos.

Para além destes referentes estético-literários, é a sua própria episteme, construída de vivência, imaginário e ideologia, que se vai metamorfoseando. A concepção do mundo, prisioneira de preconceitos sociais dominantes, amarrada por conceitos do positivismo da época estava inserida numa mudança sociológica em que Ladislau Batalha se posiciona como socialista e defensor das autonomias coloniais.

É nessa tecitura de vectores que interagem, que se produziram os textos aqui analisados.

Esses textos resultam assim, de um processo entre várias pontes identitárias que se afrontam, se misturam, se metamorfoseiam em ambiguidades e afirmações deliberadas .

Assim se constrói e se destrói o olhar do outro e o nosso olhar sobre os outros, na busca infinita duma melhor compreensão e solidariedade. Identidades culturais, interculturalidades e transculturalidades relacionam-se dum modo dialógico num processo infundável entre o local e o global, o singular e o universal.

As intrigas estabelecem-se entre polaridades sociais mas nunca racistas. A estrutura dialéctica nos dois romances desenvolve-se sempre entre “negros bons” (Tumba Cueb e Sugar Loaf) e “negros maus” (Quá-Quá e o Soba Quinbutu), “brancos bons” (Leocáudio Bacelar e Julião Sampaio) e “brancos maus” (Conde de Porto Rico e Serrano – o Yevogan).

Assim, o modelo romanesco de Ladislau Batalha aborda mais a problemática sociológica da luta de classes, embora quase sempre numa perspectiva reformista, do que a explicação racial dos factos relatados.

Porém, neste revisitar da literatura da época colonial vemos como Ladislau Batalha, situado no seu tempo e com as limitações existentes no processo, se tornou também actor.

É por isso que, alguns anos mais tarde, no Congresso Internacional Socialista de Amesterdão em que Ladislau Batalha foi o redactor do

texto votado sobre a independência das colónias, tal como refere José de Macedo,²⁹ fica clara uma posição anti-colonialista.

Ladislau Batalha fará igualmente votar a autonomia colonial, no Congresso Operário que se reuniu em Lisboa, em 1909:

“O congresso, cõscio de que a exploração capitalista está cada vez mais onerada com o domínio colonial, pelo que lhe aumenta a exploração, sem regra e sem freio, esbanjando capitais e riquezas naturais, sujeitando a população das colónias à mais rude e, por vezes, à mais sanguinária opressão sem trazer para o proletariado senão o agravo da sua miséria, lembra a decisão do congresso de Paris, de 1900, relativa à questão colonial e à política imperialista e consigna como um dever dos partidos socialistas nacionais e das fracções parlamentares:

1º - de se oporem intransigentemente a todas as medidas imperialistas ou proteccionistas às explorações coloniais e às despesas com as colónias;

2º - de combaterem os monopólios e as concessões de vastos territórios; e de vigiar escrupulosamente para que as riquezas do mundo colonial não sejam açambarcadas pelo alto capitalismo;

3º - de tornarem conhecidos os actos de opressão de que as populações indígenas foram vítimas; de obterem para elas todas as medidas eficazes de protecção contra a exploração capitalista; e de se cuidarem especialmente de que elas não sejam despojadas dos seus bens, nem pela força nem pela fraude;

4º - de proporem ou de advogarem, tudo quanto possa melhorar a condição dos indígenas, os trabalhos de utilidade pública, as medidas de higiene, a criação das escolas, etc. que lhes digam respeito, diligenciando ao mesmo tempo arrancá-los à nociva influência dos missionários;

5º - de reclamarem para os indígenas a mais larga soma de liberdades e de autonomia, compatíveis com o seu grau de civilização, tendo sempre em vista a completa emancipação das colónias;

6º - de colocarem a exploração colonial sob a fiscalização parlamentar.”³⁰

²⁹ José de Macedo, “Autonomia de Angola”, C.S.E.I.I.T., 2ª Ed., s/d

³⁰ in “A Republica Social”, nº22, de 14.03.1909

